



**Carminho** é uma grande voz do fado e uma das artistas portuguesas com maior projecção internacional, de sempre!

Carminho nasceu no meio das guitarras e das vozes do fado, filha da conceituada fadista Teresa Siqueira, estreou-se a cantar em público aos doze anos, no Coliseu. O Fado esteve sempre tão presente que nunca pensou que pudesse ser a sua profissão. Durante a faculdade cantava em casas de Fado, foram várias as propostas para gravar mas decidiu esperar. Licenciou-se em Marketing e Publicidade e percebeu que cantar exigia uma maturidade e um mundo que ainda não tinha.

Durante um ano viajou pelo mundo, participou em missões humanitárias e regressou a Lisboa decidida a

entregar-se por inteiro a um percurso artístico.

“Fado”, o seu primeiro disco, é editado em 2009, que se tornou num dos mais aclamados álbuns do ano e da década. Alcança a platina – resultado invejável para uma estreia - e vê "Fado" abrir os corações de Portugal à sua voz, e as portas do mundo ao seu talento: melhor álbum de 2011 para a revista britânica "Songlines", actuações nas principais capitais europeias, no Womex 2011 em Copenhaga e na sede parisiense da UNESCO no âmbito da candidatura do Fado a património mundial.



Pedro Henrique Lisboa Santos a.k.a **C4 PEDRO**, nasceu em Luanda (Angola), no bairro do Sambizanga, mas deu os primeiros passos na música na Bélgica, onde viveu durante 10 anos. C4 PEDRO é um dos mais influentes músicos angolanos da nova geração. Multifacetado, C4 PEDRO é músico, compositor, produtor e intérprete. Em 2007, C4 PEDRO lança o seu álbum de estreia “Lágrimas – Um Só Povo Uma Só Canção” na Bélgica que posteriormente (2009) é editado em Angola, aquando do seu regresso à sua terra-natal.

A versatilidade e polivalência de C4 PEDRO levou-o a participar na telenovela portuguesa “A Única Mulher” e a dar voz a duas dos personagens do filme de animação “HOTEL TRANSYLVANIA 2”. C4 Pedro faz parte do elenco da versão em português que dá vida

aos personagens do filme.

Considerado um dos 100 AFRICANOS MAIS INFLUENTES DE 2017 pela NEW AFRICAN MAGAZINE, título atribuído pelo seu trabalho na área das artes e cultura e, nomeadamente, na internacionalização do estilo musical Kizomba, C4 PEDRO encontra-se numa fase muito profícua da sua carreira, ao conquistar vários feitos a nível profissional (paralelos à edição de música) como a realização de vários espectáculos ao vivo em Portugal e outros países europeus, África e E.U.A., participação em vários programas de TV nacionais e internacionais como: RIDICULOUSNESS (MTV Africa) e outros tantos na BBC WORLD e BBC AFRICA (Reino Unido). Adicionalmente, C4 PEDRO participou no projecto AFRICAN LEADERS 4 CHANGE e conquistou vários prémios/nomeações, como: Angola Music Awards 2017 - Mérito Internacional (AMA); África Magazine

Music Awards (Afrimma), nos E.U.A – “Melhor Artista da África Central”, “Melhor Artista da Lusofonia”, Melhor Artista Além-Fronteiras”; MTV Europe Music Awards 2017 (EMA) - nomeado.



“Mais do que cantor sou músico, toco voz”

**Paulo de Carvalho** é um nome incontornável na música portuguesa das últimas décadas. Fazendo o seu percurso profissional por fora do sistema, nem sempre tem visto reconhecido o seu trabalho ou valorizada a sua condição de músico-compositor ou cantautor. “O SILÊNCIO É UMA FORMA DE CENSURA” Ao povo português deve os principais êxitos de sua carreira. Foi ele que os escolheu deixando para trás muitos fazedores de opinião. A Casa da Praia; E Depois do Adeus; Gostava de Vos Ver Aqui; Nini dos Meus Quinze Anos; Dez Anos; Prelúdio (Mãe Negra); Um Beijo à Lua; Os Meninos de Huambo; Mulher é vida; O Fado; O Cacilheiro; Lisboa Menina e Moça; Os Putos são apenas alguns dos seus grandes singles.

Como intérprete já percorreu muitos caminhos e esteve em várias experiências, foi por duas vezes vencedor no Festival R.T. P. da Canção (Portugal – 1974 e 1977).

“Música D’Alma” foi a sua primeira contribuição no campo da Lusofonia. Deste projecto musical e discográfico fizeram também parte, Tito Paris (Cabo Verde), Filipe Mukenga (Angola), Vicente Amigo (Espanha), entre outros. “A MÚSICA É PARA MISTURAR” São aliás preocupações culturais que o levam em 1985 a utilizar o FADO, (canção de Lisboa, a sua terra), como forma de combater a globalização que tem vindo a afectar as “Pequenas-Grandes” culturas menos divulgadas. “A MÚSICA QUE HOJE FAÇO CHAMO ETNO-URBANA” O seu primeiro disco de fado, “Desculpem Qualquer Coisinha”, provoca grande polémica no meio musical português, mas constitui o maior êxito de vendas da sua carreira. Paulo de Carvalho – A VOZ, como lhe chamam, mas mais importante, o Autor, o Compositor e o Cidadão.



**Marco Rodrigues** nasceu em Amarante em 1982 e, até aos quinze anos, o que sabe sobre fado vai pouco para além do reconhecimento do nome Amália Rodrigues. Quis o destino que o fado lhe entrasse pela vida, quando se muda para Lisboa, vindo do Norte de Portugal. E toda a sua vida muda...

Passa a infância e a adolescência sem qualquer ligação ao fado embora sempre em contacto com outros géneros musicais. A descoberta da música de Lisboa leva-o a concorrer à Grande Noite do Fado 1999, no Coliseu dos Recreios, que vence na categoria Sénior, apesar de só ter 16 anos.

Poucos meses depois, Marco Rodrigues estreia-se como profissional no Café Luso, em Lisboa – onde permanece, até 2012, como fadista e violista residente, assumindo também a direção artística.

Em 2006 lança o seu primeiro trabalho, “Fados da Tristeza Alegre”, que um ano mais tarde é distinguido com o Prémio Amália Rodrigues 2007, na categoria Revelação.

Vencedor da Grande Noite do Fado, em 1999, e do Prémio Revelação Amália Rodrigues, em 2007, ao longo de mais de década e meia de carreira, o fado de Marco Rodrigues já viajou pelo mundo, com concertos em Londres, no Royal Festival Hall, com Mariza, ou no HSBC, em São Paulo, com Maria Gadu. Estreou-se nos discos em 2006, com «Fados da Tristeza Alegre», ao qual se seguiram «Tantas Lisboas» e «Entretanto», álbuns que apresentaram um fadista sedento de conhecimento mas também numa constante senda por novas experiências.

«O fado vive da criatividade dos intérpretes»: quem o afirma é o próprio Marco Rodrigues. No entanto, em «Fados do Fado», a reverência estende-se a outros homens – aos que cantaram o fado, sim, mas também aos que o compuseram e aos letristas que deram a palavra a «fados que fazem parte do meu crescimento, que ouvi ao vivo por vários intérpretes ou que aprendi a cantar com outros discos». «Ai Se os Meus Olhos Falassem» ou «Trigueirinha», «Vendaval» ou «A Rosinha dos Limões», o primeiro single, são pedras preciosas que remetem para nomes como Carlos do Carmo mas também para Tristão da Silva, Jorge Fernando ou Tony de Matos, entre tantos outros, e marcam a viagem de «Fados do Fado».

Ao quarto registo dá um passo de gigante: «Fados do Fado» é, mesmo, o seu disco de afirmação. Em 2016 Marco Rodrigues tornou-se o primeiro homem fadista a ter um disco seu nomeado de novo para um Grammy Latino, com “Fados do Fado”, na categoria de Melhor Álbum Folk. Uma nomeação muito importante no percurso internacional do fadista e que, por si só, é o culminar de um percurso ímpar no fado e de uma década de carreira discográfica.

Em 2017, Marco Rodrigues regressou aos discos com “Copo Meio Cheio”, que se revelou um enorme sucesso de vendas e aplaudido pela crítica especializada.



“Afrikkanitha”, nasceu Eunice Q. P. José, nasceu em Angola. Aos 4 anos as suas aptidões artísticas começaram a manifestar-se. Afrikkanitha é uma dançarina nata e canta em playback músicas de Madonna, Whitney e outros sucessos da época.

Aparece pela primeira em palco onde interpreta dois temas musicais a convite do conceituado músico Sérgio Ricardo que já compôs para Elis Regina e o outro com o pianista João Oliveira (Jamjão) que mais tarde viria a tornar-se no grande impulsionador da artista, ensaiando com ela temas de Tom Jobim, Djavan e outros clássicos internacionais.

Em 2000 emigra para França, participa de um trabalho com Ray Lema e faz parte do grupo coral de Frank Akoa em Grenoble. O jazz sua paixão fala mais alto e Afrikkanitha grava em 2007 o seu primeiro single intitulado “Kebrando o silêncio” seguido do primeiro álbum intitulado “Weza”, uma mistura de ritmos africanos fusionados ao jazz. Os anos em França serviram também para perceber que o mundo respeitava e dava mais valor aos artistas genuínos, que assumiam as suas raízes e levavam a sua cultura além fronteiras. “Weza” resulta num afro jazz com aceitação a nível internacional produzido por ela e pelo ex companheiro, Simmons Massini. Em Maio de 2010 partilha o palco com o pianista americano Mike del Ferro enquanto grava o seu segundo álbum, intitulado “ Ainda Sonho”. No mesmo ano canta para a senhora Hillary Clinton no jardim do palácio presidencial aquando da sua visita a Angola. No mesmo ano a embaixada americana convida-a a interpretar o hino nacional americano (The american anthem) na despedida do embaixador na altura.

O álbum “Ainda Sonho” são outras experimentações, outro tipo de fusão, outras cores onde tem como produtores, o baixista camaronês Etienne Mbappé, o produtor e pianista maliense Cheick Tidiane Seck, o pianista de Manu Dibango Julien Agazar e ainda o saxofonista moçambicano Moreira Chonguiça.

Conhecida como a senhora do Jazz em Angola, partilha o palco com colegas e foi responsável pela abertura do terceiro dia (considerado como o mais importante) do primeiro festival internacional de jazz de Luanda ao lado de McCoy Tiner, Lira e outros em 2009.

Em 2011 cantou com o conhecido músico de fado “Carlos do Carmo e Amigos”, em Abril de 2011 vai aos Estados

Unidos numa viagem oferecida pela embaixada americana como representante do jazz, para uma pesquisa sobre jazz em que o governo americano proporcionou a artista encontros em Universidades e com os músicos Kirk Whalum. Em Maio do mesmo ano partilha o palco com a saxofonista Tia Fuller no tema Summertime e no mesmo ano a 8 de Julho actua no Cool Jazz Festival em Cascais Lisboa onde fez a primeira parte da artista Céu.

Em 2012 partilhou o palco com a conceituada artista Cassandra Wilson e em 2013 actuou em Cuba com a orquestra de Jazz dirigida pelo maestro Joaquin Bettencourt. O seu instrumento principal é a voz e está a aprender a tocar piano como segundo instrumento. Em 2018 vai lançar o seu primeiro álbum de jazz Piano & Voz intitulado “Alento”.



**“Anabela Aya”** Anabela Virgínia Dias Pipa nasceu no dia 9 de Setembro de 1983, em Luanda. Oriunda de uma família religiosa, Anabela Aya iniciou o seu contacto com a música aos cinco anos de idade, ouvindo os cantares religiosos do coro da Igreja Metodista Independente, Caridade, onde a mãe é professora.

Anabela Aya teve formação vocal na sua igreja, criando as bases técnicas que depois permitiram a sua versatilidade, e propensão para interpretar os géneros: gospel, base da sua formação musical, bossa nova, soul, rythm & blues, reggae, semba, incluindo o fado. A cantora guarda consigo, e reproduz sempre que pode, as palavras de um apreciador da sua música: “A empatia que cria em quem a ouve é arrepiante. Sensualidade, emoção, “coolness” e

amor são as palavras que a podem caracterizar!”

Anabela Aya apresentou este ano a sua primeira obra de originais, com 10 faixas. O CD Kuameleli chegou para acrescentar qualidade no acervo musical Angolano e universal, cantora de múltiplos recursos vocais, Anabela Aya é, para além de prestigiada actriz, uma das vozes mais promissoras da nova geração de intérpretes do universo afro-jazz, e tem enveredado, de forma segura e modesta, pelos caminhos híbridos da renovação estética da Música Popular Angolana.

Intérprete da canção vencedora da vigésima edição do Festival da Canção de Luanda 2017. Diva da Música 2017.

Várias vezes indicada e nomeada para outras premiações.

Pela qualidade das suas interpretações e impacto da sua prestação vocal, Anabela Aya foi figura de cartaz nas comemorações do Dia Internacional do Jazz, comemorado pela primeira vez em Luanda no dia 30 de Abril de 2014, no palco da Sala Angola I do Hotel Epic Sana, ocasião em que foi acompanhada pela Banda Afro Beat, constituída por Mário Grarnacho (teclas), Gary Sinedima (voz), Fredy Mwankie (baixo eléctrico) e Joel Pedro (bateria). A cantora dividiu o palco com Tony Jackson, acompanhado nas teclas por Terinho Mumbanda, e o saxofonista, Nanutu.

Anabela Aya participou ainda no concerto em homenagem à figura e aos feitos de Nelson Mandela, em Dezembro de 2014, na Taberna Urbana, Rua dos Mercadores, em Luanda, em que participaram: Teddy Nsingi, Derito, Irina Vasconcelos & Edy British, Wyza, Hélder Mendes, Ndaka Yo Wiñi, Nuno & Ivo Mingas, Gari Sinedima, e Toty Sa’Med.

Em Novembro de 2014, prestou tributo, no Viana Restaurante & Casino, em homenagem ao falecido cantor e compositor angolano, Carlos Nascimento, em que participaram Mário Garnacho, Gari Sinedima, Paula Agostinho e Vitor Hugo. Durante a sua carreira já dividiu o palco, com o cantor Pedro Malagueta, que gravou o LP "Recordando Nat King Cole", o pianista e Maestro Terinho e o percussionista Dalú".



**Paulo Bragança** é o anjo caído do Fado e como tal o fadista por excelência. O Fadista do Fado “puro e duro”, o Fadista Punk, o Homem que descalço se perdeu e se encontrou pelo mundo. O Fadista que sabe como ninguém o que canta e como o canta.

Em exílio “espiritual e artístico” durante mais de uma década, eis que regressa para retomar um caminho que está longe de ter concluído. Em 1992 edita o seu primeiro disco e espanta Portugal. Do choque à adoração foi um ápice e seminal Amai vê a luz do dia dois anos depois, em 1994. Percorre o mundo, pela mão de David Byrne (Talking Heads/Luaka Bop) revolucionando o Fado. Edita ainda Mistério do Fado (1996) e Lua Semi-Nua (2001) e desaparece.

Ressurge em Dublin, como licenciado em Filosofia e actor de cinema (Henry and Sunny, Fergal Rock). Começa a fazer as malas. No regresso a Portugal assina uma colaboração lunar com os Moonspell, no tema In Tremor Dei, do disco novo da banda de Metal gótico, 1755, dedicado ao Terramoto de Lisboa. Portugal recebe-o como uma benção. O público acolhe-o de braços abertos no Caixa Alfama, no Festival Bons Sons, no EntreMuralhas. Ele que agora lança novo disco, antecipando o seu novo album (Exilio), para matar a fome a quem sente a falta do fado “puro e duro”, das vielas de Lisboa, das portas das igrejas de Coimbra, das aldeias da Roménia, das pedras milenares da Irlanda.

Apresenta agora, em conjunto com a editora Alma Mater Records, o seu EP Cativo, primeiro disco em mais de uma década num acto de afirmação do mais independente e verdadeiro dos Fadistas.